



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
CURSO LICENCIATURA EM DANÇA

WILLIAM CEZAR GONZAGA LOPES

VEM CURTIR O EMBALO DESSE SOM

A trajetória de um artista-professor.

BELÉM – PARÁ

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
CURSO LICENCIATURA EM DANÇA

WILLIAM CEZAR GONZAGA LOPES

VEM CURTIR O EMBALO DESSE SOM

A trajetória de um artista-professor.

Monografia de Conclusão de Curso apresentada à Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Dança.

Orientador: Prof^o Me. Paulo Roberto Santana Furtado.

BELÉM – PARÁ

2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca Universitária da Escola de Teatro e Dança da UFPA - Belém-PA**

L864vc Lopes, Wiliam Cezar Gonzaga

Vem curtir o embalo desse som: a trajetória de um artista-professor / William Cezar Gonzaga Lopes -- 2019.

Orientador: Prof. Me. Paulo Roberto Santana Furtado.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso de Licenciatura em Dança, Belém, 2019.

1. Dança – Estudo e ensino. 2. Professores de dança – Formação profissional. 3. Dança de salão. 4. Brega (Dança) – Belém (PA). I. Título.

CDD - 22. ed. 792.807

Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA

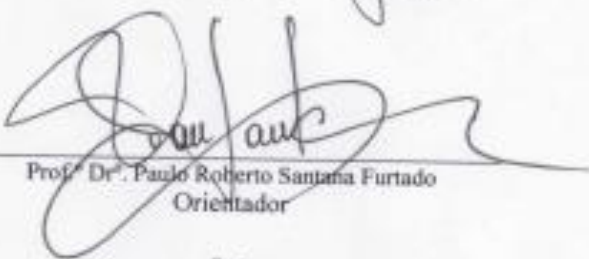
ATA DE AFERIÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

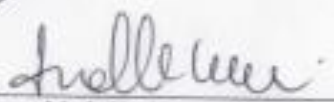
Ao terceiro dia do mês de Julho do ano de dois mil e dezenove, às dez horas, reuniu-se no Teatro Universitário Claudio Barradas desta ETDUFPA, a Banca Examinadora composta pelo Professor Dr. Paulo Roberto Santana Furtado (orientador) e a Professora Dr. Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida (examinadora), para a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso de autoria do aluno **WILLIAM CEZAR GONZAGA LOPES**, intitulado: *VEM CURTIR O EMBALO DESSE SOM: a trajetória de um artista/professor*. Após a apreciação do trabalho escrito e da apresentação pública oral e expositiva, a banca promulga o seguinte resultado:

O trabalho foi Excelente/Aprovado com conceito 9 (Nove)
com as seguintes observações: Realizar o último capítulo para incluir o processo criativo do corpo, assim como estabelecer o diálogo do texto entre a escrita e as litografias

e após constar, foi lavrada a presente Ata, que depois de lida e aprovada, foi assinada pelo presidente e demais membros da banca examinadora.

Belém, 03 de Julho de 2019.


Prof. Dr. Paulo Roberto Santana Furtado
Orientador


Prof. Dr. Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida
Examinadora

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas neste trabalho, por serem pertencentes a acervo privado, só poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.

Assinatura William Cezar Gonzaga Lopes

William Cezar Gonzaga Lopes

Local e Data: Belém, 14 de Agosto de 2019

Dedico este trabalho a todos os sonhadores e, também, deixo-lhes a mensagem que levei durante a minha vida acadêmica: sonhar pequeno ou grande dá no mesmo; portanto, sonhe grande e corra atrás dos seus objetivos, não se importando com que os outros pensam a seu respeito. Seja feliz. Descubra-se.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Divindade maior, Deus, que nunca me abandonou.

Agradeço aos meus maiores exemplos: meus pais Lília Gonzaga Lopes e Antônio Cezar Carvalho Lopes, que, para além de ensinar, mostraram-me, na prática, que o poder do amor salva a tudo e a todos. Em especial, à minha mãe, Lília, por nunca desistir de mim, e à minha irmã Williane Gonzaga Lopes, com quem sempre contei muito.

Agradeço aos professores daquele que foi meu lar, a Escola de Teatro e Dança da UFPA. Obrigado por deixarem suas mensagens de amor no mundo.

Agradeço aos meus colegas de classe, com os quais convivi por 4 anos. Obrigado pelas brigas, pelos choros, pelas risadas e por todas as danças que tive a honra de dançar com vocês.

Agradeço imensamente ao meu orientador, Professor Me. Paulo Roberto Santana Furtado. Obrigado por me acolher, por me orientar, por abrir meus olhos. Você é Luz, obrigado por compartilhar da sua luz comigo.

Agradeço à minha avó, professora Cecília Carvalho, por todas as vezes que me apoiou e por sempre estar presente como peça fundamental na minha vida.

Agradeço aos meus amigos e familiares: meus tios Luísa Gonzaga e Durcival Braga, Luís Gonzaga e Antônia Moura, Lélis Gonzaga e Isabel Rainha, Socorro Carvalho, Jurema Carvalho, à minha madrinha Lúcia Gonzaga, às minhas primas Leydiane Gonzaga, Dayse Gonzaga, Layse Gonzaga, juntamente com seu esposo Douglas Galvão, à minha amiga do coração, Jéssica Jadjjiski, à minha família de adoção, os Galvão, nos nomes de Lilian, Leina, Leila e Lenian Galvão, obrigado por estarem comigo, à dona Lurdinalva Jucá Pinto, por me dar apoio quando precisei, aos inúmeros profissionais que me moldaram durante minha trajetória, os quais eu não consigo listar.

Agradecer nunca é demais.

RESUMO

O trabalho intitulado como “VEM CURTIR O EMBALO DESSE SOM: A trajetória de um artista-professor” foi desenvolvido através de uma pesquisa pessoal e comunitária, de caráter qualitativo. Relata lembranças advindas de um currículo oculto, em que todos os caminhos percorridos pelo autor resultaram numa somatória para o desenvolvimento deste estudo. Nele, trechos da trajetória artístico-pessoal e artístico-profissional são relatadas, contendo imagens para melhor entender, assim como uma pesquisa acerca do Brega e do Brega Paraense.

Palavras chave: Trajetória. Cultura. Brega.

ABSTRACT

This monograph was developed through personal and community research, of a qualitative nature. It recounts memories of a hidden curriculum, where all the paths traveled by the author resulted in a summation for the progress of this work of completion. In it, excerpts from the artistic-personal and artistic-professional trajectory are reported, containing images to better understand, as well as a research on the brega and the brega paraense. For this reason, the work was entitled "Come and enjoy the sound of this sound: the trajectory of a artist-teacher".

Keywords: Trajectory. Culture. Brega.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 01 - A primeira gestação de Lília Gonzaga	14
Imagem 02 - Antônio César e seu filho, William Cezar.....	14
Imagem 03 - Registro do dia do Índio no Casulo de Nazaré.....	15
Imagem 04 - Apresentação Pedagógica do Dia do Índio na UEPA/ Campus São Miguel	15
Imagem 05 -: Cecília de Lima e sua irmã.....	16
Imagem 06 - Brincadeiras do Dia das Mães	17
Imagem 07 - Balão-Surpresa	18
Imagem 08 - Comemoração do dia dos Pais na Fazenda fé em Deus, em IRTUIA-PA	19
Imagem 09 - Intervalo no colégio Externato Santo Antônio Maria Zaccaria	20
Imagem 10 - Equipe de trabalho do colégio Externato Santo Antônio Maria Zaccaria	21
Imagem 11 - Área interna do colégio Externato Santo Antônio Maria Zaccaria	22
Imagem 12 - Bloco Externafolia nas ruas de São Miguel do Guamá	23
Imagem 13 - Apresentação da Feira Cultural do colégio Externato Santo Antônio Maria Zaccaria	24
Imagem 14 - Apresentação junina do Casulo de Nazaré.....	26
Imagem 15 - Apresentação junina do colégio Externato Santo Antônio Maria Zaccaria	28
Imagem 16 - Turma do primeiro ano do Ensino Médio do colégio Externato Santo Antônio Maria Zaccaria	29
Imagem 17 - Aulão ao ar livre da academia CORPO & CIA	31
Imagem 18 - Comemoração da aprovação no vestibular na orla da Beira-do-Rio em São Miguel do Guamá.....	33
Imagem 19 - Comemoração da Aprovação no vestibular na Avenia Pio XII em São Miguel do Guamá	34
Imagem 20 - Comemoração do dia internacional da dança realizada pela companhia Mirai de danças, no colégio Moderno.....	36
Imagem 21 - Bastidores do espetáculo MODERNO MOVIMENTO AMAZÔNICO, realizado pelo SESC no teatro Estação Gasômetro.....	37
Imagem 22 - Auto do Círio de 2014.....	39
Imagem 23 - GoldMar Hotel em 2014.....	39

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	11
2.	NÃO É SONHO, É REAL: A trajetória de um artista / professor.....	14
2.1.	Está no ar: O ambiente que se fez familiar	19
2.2.	Gererê: Os primeiros passos na Dança.....	26
2.3.	Sonho bonito: O começo de uma nova caminhada	32
3.	O SOM DOS SONS: Música, Dança e Estilo.....	40
4.	A ODISSÉIA DO SOM: Uma viagem na onda do Brega.....	42
5.	CAVALO MANCO: O brega como “A nossa dança do Estado do Pará”...46	
	REFERÊNCIAS.....	50

1. INTRODUÇÃO

A temática que abordo neste estudo se conecta com a sociedade através de uma semelhança cultural. Cada cantinho do planeta possui sua particularidade, denominada cultura local, que pode ser influenciada por diversos fatores. Os anos de profissionalização no curso de Licenciatura em Dança e a pesquisa sobre esta temática contribuíram para que eu trilhasse os caminhos necessários para debater essa temática ao longo dos últimos cinco anos, desde o meu ingresso na Escola de Teatro e Dança da UFPA – ETDUFPA.

Meu objeto de investigação para este trabalho de conclusão de curso é o “Brega” e tudo o que envolve esta palavra. Tal tema foi escolhido em função de uma vivência artística, ao longo de minha trajetória de vida e pelo caminho trilhado em minha carreira profissional.

Por um determinado período da musicologia brasileira, o Brega tornou-se um adjetivo que tinha por sinônimo “cafona”. Hoje, a palavra Brega é pensada e estudada como algo muito além do significado que lhe foi dado – remete à moda, música, dança e costumes.

Devido à maneira como o brega se envolveu na minha trajetória de vida, dou início à minha linha de pesquisa observando esse estilo não apenas como fenômeno musical, mas como manifestação cultural. Dessa forma, minha pesquisa é voltada ao entendimento do brega paraense. Nesse ponto, é necessário ressaltar que falar de Brega na cultura paraense é totalmente diferente de tratar desse gênero quanto a outras regiões. Neste sentido é que este trabalho começa a revelar seu verdadeiro valor, enfatizando aspectos próprios, ressaltando sua importância acadêmico-cultural, principalmente para a região Norte.

Logo, expõe-se minha primeira questão: Por que falar de brega? Para responder essa pergunta, cruzei um processo de releitura sobre minha trajetória, o que tornou a resposta diretamente ligada à minha segunda questão: O que é o brega na minha vida? Então, para esta, precisei fazer uma retrospectiva sobre a presença desse gênero em minha vida.

A pesquisa é constituída por meio de entrevistas semiestruturadas, direcionadas a pessoas de faixas etárias diferentes, que frequentam festas de

aparelhagens. Assim, obtive produção através de dois olhares: o “popular”, que foi obtido através de perguntas a pessoas que frequentam as festas de aparelhagens; e o olhar “profissional”, que consegui através de entrevista de professores-instrutores da área da Dança.

Este trabalho é formado por pedaços de mim, onde pus toda a minha dedicação e vivência, que se tornou fundamental para a concretização do material de estudo para o desenvolvimento da minha pesquisa. Percebi em mim a principal mão de obra para a escrita encontrada nesse estudo.

Nessa trajetória, trago para dialogar comigo os autores Elizabeth Duque-Estrada, que se trona peça fundamental no primeiro e segundo capítulo, e Armindo Bião, que se tornou um norte para minha compreensão de Etnocologia e sua importância na minha pesquisa.

Para tanto, lanço mão das histórias contadas e vividas junto a minha família, na escola, na faculdade e nos lugares em que vivi. Recorro também ao meu acervo fotográfico, que se faz essencial para uma melhor compreensão e absorção dos fatos apresentados. A estrutura dessa escrita será apresentada na seguinte forma:

No primeiro capítulo “NÃO É SONHO, É REAL: A trajetória de um professor-artista”, relato desde antes do meu nascimento até minha fase acadêmica. Nos subtítulos, conto os detalhes recordados de cada etapa da minha vida.

O segundo capítulo, “O som dos sons: Dança, música e estilo”, procura estabelecer uma noção básica do brega enquanto cultura paraense e o que o permeia. Os lugares onde é tocado, a sua relação com a periferia e a relação entre a população e o “brega”.

“A Odisseia do som: uma viagem na onda do brega” é o título do terceiro capítulo, que procura demonstrar uma pesquisa profunda sobre as matrizes estéticas do brega, com perguntas e respostas sobre a perspectiva paraense do fenômeno.

O último capítulo, intitulado “Cavalo manco: o brega como ‘a nossa dança do Estado do Pará””, volta-se exclusivamente para o diferencial do brega paraense: a maneira de dançar, tornando-se único neste sentido. Neste capítulo, também se encontram as considerações finais desta pesquisa.

Devido à forte presença das composições de música brega, iniciarei minha escrita com pequenos trechos do universo musical, de canções que marcaram minha trajetória e que, de maneira nostálgica, fizeram abordagens necessárias neste meu estudo.

2. NÃO É SONHO, É REAL: A trajetória de um artista / professor.

*Ouvi sua voz no telefone
 Oh! eu quase perdi o ar
 Imaginei você
 Tão lindo assim
 Não é Sonho é Real
 Quero ficar contigo pra valer
 Te levar pra dançar com Vetron
 DJs' Marcos e Gaiato a nossa canção
 Me beija na boca e me faz viajar
 Quero perder o ar (aah...!)
 Eu vou ficar sem (aah...!)*

“A forma ensaística dos textos que compõem este trabalho pretende assim desenvolver uma reflexão que seja sensível à natureza doeu que se tece na escrita de si.” (DUQUE-ESTRADA, 2009, p. 15)

A partir deste momento, relato as histórias que perpassam pela minha formação quanto cidadão, minha realidade e as situações pelas quais eu, William Cezar Gonzaga Lopes, passei até o dado momento, relatando minha trajetória.

Imagem 01 - A primeira gestação de Lilia Gonzaga



Fonte: Acervo de William Cezar, 1996

Imagem 02 - Antônio César e seu filho, William Cezar

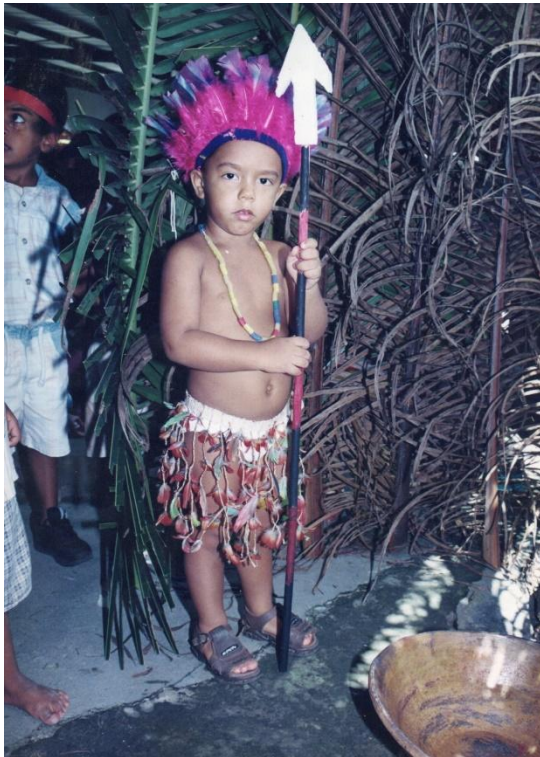


Fonte: Acervo de William Cezar, 1996

Natural de São Miguel do Guamá¹, nascido em Castanha², no dia dez de fevereiro de mil novecentos e noventa e seis, em um sábado, de uma cirurgia cesariana, filho da então magistrada Lília Gonzaga Lopes e do electricista Antônio Cezar Carvalho Lopes.

Antes mesmo de nascer, já “andava” em festas, pois meu pai gostava de passear com sua esposa grávida nas festas de aparelhagens que tocavam em São Miguel do Guamá, como Santa Lúcia, Imperador, Big-Bang, entre outras.

Imagem 03 - Registro do dia do Índio no Casulo de Nazaré



Fonte: Acervo de William Cezar, 2001

Imagem 04 - Apresentação Pedagógica do Dia do Índio na UEPA/ Campus São Miguel



Fonte: Acervo de William Cezar, 2001

Residente na Avenida Pio XII, Bairro Perpétuo Socorro, no centro da cidade, tive uma infância em uma família que adorava festejar, principalmente em datas comemorativas, como aniversários, natal, dia das mães, dia dos pais e no cívico da cidade, que recentemente completou 70 anos.

¹ Interior do Estado do Pará, localizado a aproximadamente 113km da capital, Belém.

² Interior do Estado do Pará, localizado a aproximadamente 62km da capital.

Nos aniversários da família, o que dificilmente faltava era aquela cervejinha. Sempre havia algo pra não deixar “passar em branco” – um bolo, um jantar, um café da manhã ou um almoço – e a família sempre estava presente nessas datas especiais.

O objetivo próprio das minhas confissões é revelar com exatidão o meu íntimo em todas as situações da minha vida. Foi a história da minha alma que prometi contar, e para escrevê-la fielmente não tenho necessidade de outras memórias: basta-me, como fiz até aqui, voltar-me para dentro de mim. (DUQUE-ESTRADA, 2009, p. 17)

Em comemorações, a festança se tornava maior e reunia mais parentes. Um exemplo é o dia das mães, que já se tornou tradição na família. É comemorado com um almoço na casa da matriarca, a professora “Cicita”, apelido dado à Cecília de Lima Carvalho Lopes.

Imagem 05 - Cecília de Lima e sua irmã



Fonte: Acervo de William Cezar, 2015.

Rodeado de “comes e bebes” e brincadeiras que envolvem as mães, os filhos e até mesmo os pais – sempre nas comemorações familiares a família toda é reunida.

Dentre essas brincadeiras, as que ficam na memória e que nunca faltam são a dança da cadeira, o bingão das mães, o leilão das mães e o balão surpresa – que sempre fica por último.

O primeiro jogo funciona da seguinte maneira: as mães formam uma roda onde uma fica atrás da outra com as mãos pra trás, e o número de cadeiras é igual ao número de mães menos um, ou seja, sempre alguma mãe ficaria em pé, sendo eliminada e uma cadeira é tirada do jogo. A torcida é feita pelos filhos e pelo pai e, ao final, a mãe que ficar sentada na última cadeira ganha um brinde.

O segundo jogo, o bingão das mães, é feito com todos, pais, mães e filhos. Cada um recebe uma cartela de bingo e as pedras são faladas apenas por duas vezes, quem passar batido – ou seja, não ganhar o prêmio na pedra da vez – é vaiado por todos os presentes e só pode torcer pelos parentes que ainda estão no bingo. Quem ganhar o bingo, leva uma lembrança.

O terceiro, o leilão das mães, é feito em família – componentes que moram no mesmo lar – e é uma maneira de formar “alianças” entre famílias. Com dinheiro de papel, é distribuída a quantia de setecentos reais para cada pessoa que está na brincadeira e essa pessoa pode se juntar a outra ou a um grupo, não necessariamente da mesma família, para formar uma sociedade e arrematar mais itens, que geralmente são objetos como talheres, guardanapos, vasilhas e os prêmios-surpresas, que podem ser algo valioso – como um objeto de decoração ou um lindo porta-retratos – ou alguma pegadinha, como um pacote de xuxinhas ou um março de cheiro-verde.

Imagem 06 - Brincadeiras do Dia das Mães



Fonte: Acervo de William Cezar, 2015.

No entanto, esses prêmios-surpresa não são revelados antes de serem arrematados e o preço é posto por quem arremata o item. Pode ser que você compre algo valioso por pouco ou que você gaste muito em um prato descartável.

O último, o balão surpresa, é um balão Bexigão recheado de bombons, papéis com números e trigo, e todos os que querem participar saem com um prêmio, porém, todos saem brancos de trigo – e ficam assim até acabar a festança. Nos papéis, estão números que podem ser trocados por brindes, que vão desde pacotes com bombons a objetos de decoração, entre outros.

Imagem 07- Balão-Surpresa



Fonte: Acervo de William Cezar, 2015.

Esses brindes são sempre doados por todos os que fazem parte da brincadeira e geralmente são comprados em lojas de importados – onde os preços não passam de 10 reais. Quando alguém doa um brinde de um preço mais elevado, este geralmente vai para o leilão das Mães. Toda essa festança é feita ao som de bregas, forró, arrochas, com cerveja para animar a todos e tira gostos.

Outro aspecto marcante são as apresentações, geralmente de Carimbó, onde as mães recebem os saíões e os filhos um chapéu de palha, a música toca e todos têm que dançar.

Toda minha trajetória, desde meu nascimento até o atual momento de minha formação, foi margeada por todas essas brincadeiras e toda essa alegria advinda de minha família.

[...] a palavra autêntica se liberta de todo e qualquer confinamento ao custo de manter-se num movimento incessante, pois que ela não reproduz uma realidade preexistente, mas só pode existir na condição de produzir a sua verdadeira verdade [...]. (DUQUE-ESTRADA, 2009, p. 19).

2.1. ESTÁ NO AR: O ambiente que se fez familiar

Está No Ar

E vou declarar todo esse sentimento

Que até hoje guardei por você

Com toda magia e encanto ao teu olhar

Que nunca mais poderei esquecer

E vou declarar todo esse sentimento

Que até hoje guardei por você

Com toda magia e encanto ao teu olhar

Que nunca mais poderei esquecer

(PAIVA, [ca. 2008])

Imagem 08 - Comemoração do dia dos Pais na Fazenda fé em Deus, em IRITUIA-PA.



Fonte: Acervo de William Cezar, 2006.

Sua verdade pode somente se manifestar na transparência e imediatricidade dos movimentos de sua alma: “Posso cometer omissões nos fatos, transposições, erros de datas; mas não posso me enganar sobre o que senti, nem sobre aquilo que meus sentimentos me levaram a fazer; e é principalmente deles que aqui se trata.” (DUQUE-ESTRADA, 2009, p.18)

Iniciei meus estudos básicos na Escola de Regime e Convênio (ERC) Externato Santo Antônio Maria Zaccaria e lá permaneci por onze anos. Durante esse tempo me aproximei de maneira afetiva dos funcionários e da dança. Digo isto chamando aquele espaço de casa, pois lá eu encontrei, dentro das atividades escolares, uma tela de expressão.

Foi um espaço bastante disciplinado, acredito que isto se deve ao fato de a escola pertencer a uma rede católica e ter determinadas “obrigações” que não são vistas em outras instituições.

Imagem 09 - Intervalo no colégio Externato Santo Antônio Maria Zaccaria.



Fonte: Acervo de William Cezar, 2009.

No meu turno, à tarde, os alunos entravam exatamente às 13h15, trajados do uniforme completo. Qualquer atraso ou descumprimento da vestimenta não era aceito e o aluno ficava esperando até que o coordenador ou o diretor da escola surgisse. Nessa ocasião, o aluno acabava levando uma advertência, que ia desde um bilhete aos pais, até, em casos mais complicados, suspensão.

O mesmo se dava aos trabalhos escolares, apresentações e, mais ainda, quando a escola envolvia outras instituições. O externato era, na época, a melhor escola da região, e a mais bem estruturada. Era a única sede que contava com uma quadra para esportes, uma arena, um auditório, uma sala que mais tarde seria de dança, um estacionamento e um bosque.

Portanto, hoje entendo que os funcionários e alunos deveriam ser exemplares – não no sentido de se tornar superior à outras pessoas, mas quanto cidadãos –, tendo em vista que a instituição aderiu outras disciplinas como Estudos Amazônicos, Ensino Religioso e Informática, advindo desse compromisso com o futuro do aluno.

Imagem 10 - Equipe de trabalho do colégio Externato Santo Antônio Maria Zaccaria



Fonte: Acervo de William Cezar, 2014.

Sempre antes das aulas, as irmãs que dirigiam a escola chamavam todos os alunos para o pátio, onde éramos enfileirados por turmas, todos rezavam o pai nosso, cantavam o hino nacional e o hino da escola. Logo em seguida, era feita uma oração e nós éramos dispensados para as salas.

[...] Arrastada para fora de si, a escrita de si habita então a região do impossível, do indizível, lá onde linguagem deixa de ser – ou ainda não é – simples mediação de conteúdos de sentido, e se encontra na interseção do silêncio com a palavra da expressão com a sua impossibilidade: na autobiografia [...]. (DUQUE-ESTRADA, 2009, p.20)

Nesta casa pude, de uma maneira pedagógica, tornar-me mais próximo da dança, pois a instituição possibilitava aos alunos diversas oportunidades para se expressar. Lembro-me que havia um calendário escolar bastante carregado de atividades, fora as datas comemorativas, como dia do índio, dia da árvore, dia das mães, dia dos pais, semana da família, entre outros.

Imagem 11 - Área interna do colégio Externato Santo Antônio Maria Zaccaria.



Fonte: Acervo de William Cezar, 2013.

Nessas atividades acabava me envolvendo nas danças e, dessa maneira, pude desenvolver um sentimento de fraternidade pela instituição, ao mesmo tempo que fortalecia um gosto por dançar.

Na época, a escola adotava quatro principais períodos do calendário, e elaborava importantes atividades: o carnaval, os jogos estudantis, o período junino e a feira cultural.

O carnaval era conhecido na escola por Externafolia, em que todas as turmas da escola tinham que montar seus mini blocos, com camisas customizadas e gritos de guerra. A atividade começava com a fala da diretora, logo em seguida, começava a apresentação dos blocos e seus respectivos gritos de guerra. Depois disso, dava-se início ao concurso de marchinhas, em que o tema do concurso era escolhido em

conjunto com o tema da Campanha da Fraternidade³. As marchinhas eram feitas por equipe de professores e um ou dois alunos eram escolhidos para cantarem no palco, às vezes, com interpretações teatrais, danças ou personagens, variava de acordo com a criatividade da equipe.

Após este momento, começavam as apresentações por turmas, o tema era escolhido entre os professores, seguindo viés cultural, religioso e pedagógico, as turmas iam da alfabetização ao ensino médio, sempre orientadas pelo “padrinho” ou “madrinha” da turma. Então chegava a hora mais esperada pelos alunos, que era descida da folia, os professores-padrinhos iam à frente de suas turmas, neste caso, os mini blocos, enfileirados por grau, que começava na alfabetização e terminava no ensino médio, saíam em passeata pelas ruas de São Miguel do Guamá. Um carro-som ia na frente, cantando as marchinhas feitas pelas equipes, e os alunos, pais e amigos acompanhavam na folia, tudo com muita alegria e brincadeira.

Imagem 12 - Bloco Externafolia nas ruas de São Miguel do Guamá



Fonte: Acervo de William Cezar, 2007.

Logo após, chegava a hora em que era revelada a marchinha campeã do ano, que ganhava um troféu simbólico, colocado na sala da equipe que ganhasse, e logo depois, o encerramento da atividade.

³ Campanha realizada anualmente pela Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil.

Lembro-me que era um dia cheio de atividades e muito esperado por todos os alunos. A quadra da escola se tornava cheia não só de estudantes, mas também de pessoas que gostavam de participar da brincadeira.

É somente na negação ou no apagamento desta abertura da palavra para o silêncio que se pode dar a discussão sobre aquilo que constitui os pressupostos e critérios aparentemente objetivos que, tradicionalmente, configuram as confissões, as memórias, as autobiografias. (DUQUE-ESTRADA, 2009, p. 21)

Logo que as práticas carnavalescas terminavam, entrava o tema dos Jogos Estudantis, que era a maneira que a escola tinha de socializar com as outras instituições do município. A abertura dos jogos era uma atividade realizada em equipes formadas por duas turmas.

Imagem 13 - Apresentação da Feira Cultural do colégio Externato Santo Antônio Maria Zaccaria.



Fonte: Acervo de William Cezar, 2010.

Enquanto ex-aluno da instituição, reconheço que os jogos estudantis eram muito especiais, pois a abertura envolvia todos os diretores das escolas que participariam, começava com a entoação do Hino Nacional, e posteriormente, uma pequena encenação que lembrava a corrida olímpica, porém adaptada. Um aluno

corria ao redor da quadra com uma tocha acesa, enquanto era recebido por aplausos.

Continuando este momento, as apresentações artísticas das equipes entravam em cena. Recordo-me especialmente deste momento por dois anos, sétima e oitava série, nos anos de 2008 e 2009, nos quais, juntamente com minha equipe, apresentamos duas coreografias. Na sétima série, apresentamos a música Garoto de Rua, da dupla Zezé Di Camargo & Luciano⁴ e, na oitava série, a interpretamos a música Brasil, de Cazuza⁵.

Apesar de não possuir registros fotográficos, em especial, essas duas memórias despertam em mim uma sensação muito nostálgica todas as vezes em que entro na quadra do colégio Externato, muito parecida com as memórias – até o momento – recentes de espetáculos em que dancei e fiz participações especiais.

Digo isto pois foi nesses dois momentos da minha pré-adolescência em que fui reconhecido e elogiado por muitas pessoas, através da dança. Nesses momentos, minha essência como artista atravessa minha realidade de forma poética, doce e harmônica, o som dos aplausos da quadra de esportes e os abraços que recebi naqueles anos foram importantíssimos para o trilha artístico que eu percorreria futuramente.

Os Jogos duravam uma semana, nas modalidades futsal, queimada, vôlei e handebol. Os alunos que venciam nas competições eram premiados com medalhas e as instituições campeãs levavam troféus simbólicos. O encerramento era uma cerimônia de muita comemoração, eram apresentados os times vitoriosos, juntamente com suas instituições, apresentações artísticas das instituições participantes do campeonato, músicas alegravam o momento e, ao final, era cantado o hino nacional.

⁴ Dupla de música sertaneja Brasileira.

⁵ Cantor, compositor, poeta e letrista brasileiro.

2.2 GERERÊ: Os primeiros passos na Dança.

*Gererê a gente dança assim
você fica coladinha em mim*

*é um passinho pra lá
são dois passinhos pra cá
é fácil de aprender
sei que você vai gostar*

(RODRIGUES, [19-?])

Em seguida, a escola começava seus preparativos para o período junino, em que as turmas, novamente, entravam em quadra. Dessa vez, era um pouco mais elaborado. Um palco era montado na quadra, para abarcar todas as apresentações da escola, de todas as turmas e, ao redor, as mesas eram colocadas para familiares e amigos prestigiarem o momento.

Imagem 14 - Apresentação junina do Casulo de Nazaré



Fonte: Acervo de William Cezar, 2002.

No geral, eram quadrilhas, ensaiadas pelos professores responsáveis. Dessa vez, um pouco menos exigente, pois poderiam ser formadas equipes ou apenas turmas, dependendo da disponibilidade do(a) professor(a). Havia também um bingão, com cinco premiações, em que a turma que vendesse mais bingos era presenteada com um passeio.

No mesmo evento havia o arremate dos Bolos das Misses, em que eram formadas três equipes: da alfabetização à terceira série, da quarta série à sétima série e da oitava série ao terceiro ano do ensino médio. Nessa disputa, as misses enfeitavam bolos e os colocavam em leilão, trajadas de vestes como as de miss caipira.

A miss que conseguisse arrecadar mais dinheiro no leilão de seu bolo era presenteada com um lindo brinde doado pela instituição, dependendo de quem ganhasse, geralmente se fosse a primeira miss, a mais nova, era uma linda bicicleta, se fosse a segunda, do ensino fundamental, uma cesta de cosméticos como perfumes, hidratantes, sabonetes e mais bombons de chocolate, e a terceira, do ensino médio, um computador (o que, na época, era raro de se ver). Já no palco, no intervalo entre uma atividade e outra, começavam apresentações de quadrilhas e músicas regionais, como carimbó, forró, entre outros.

Neste momento, recordo-me, em especial, do ano de 2009. Nesse ano, participei de uma quadrilha escolar, a Quadrilha Ralupé. Nesta, o coreógrafo foi patrocinado pelos pais de uma das alunas e envolvia as turmas da oitava série. Foi o primeiro compromisso que tive com a dança, pois, para mim, era um universo completamente complexo. Ensaiávamos todos os dias pela parte da tarde ou noite, na quadra da escola. Foi meu primeiro contato com o que hoje entendo por prática de montagem e logo me interessei por esse extenso cosmo laboratorial, vastidão de movimentos e expressões.

Após chegar em casa dos ensaios, lembro-me que continuava ensaiando para aperfeiçoar meus movimentos. Foi neste momento que comecei a desenvolver minha face educadora, pois, aos que tinham mais dificuldade, eu fazia questão de ensinar.

Imagem 15 - Apresentação junina do colégio EXTERNATO SANTO ANTÔNIO MARIA ZACCARIA



Fonte: Acervo de William Cezar, 2009

Após um mês e meio de ensaio, a quadrilha estava pronta e o dia da apresentação havia chegado. Lembro-me como se fosse hoje. Senti um intenso formigamento nos pés, um suor e uma ansiedade que em palavras é difícil encontrar uma maneira de expressar. Naquele momento, eu senti como se aquela apresentação fosse decidir a minha vida. O resultado foi o melhor possível, fomos aplaudidos de pé pelos pais impressionados, convidados para dançar em duas outras escolas, uma comunidade que estava em festividade e um aniversário que estava próximo.

Acabei me sentindo completo, extremamente feliz e realizado, e minha vontade de aprender mais começou a se expandir. Comecei a praticar mais coreografias, dessa vez, aprendidas do YouTube⁶, por divas pop da época, como Britney Spears, Beyoncé, Lady Gaga, entre outras.

Nessa época, gostava muito de ir à casa da minha avó. No seu quintal – que era imenso, aproximadamente 40x100m – havia diversos tipos de plantas, entre elas, árvores frutíferas, como mangueira, aceroleira, jaqueira, cacaueiro, goiabeira e um Jambreiro, que era a maior árvore do quintal dela. Em seu período de safra, a árvore enchia-se das cores verde e rosa, devido à sua flor, e, quando estava prestes

⁶ Plataforma de compartilhamentos de vídeos online.

a dar o fruto, o chão embaixo do jambeiro se tornava um lindo gramado rosa. Naquele jambeiro, eu adorava “treinar” minhas performances. Eu o considerava meu palco, as pétalas caídas das flores do jambeiro, meu linóleo, e as árvores e plantas, meu público.

Eu queria muito mais daquela experiência que tinha absorvido no palco da escola, sentia-me muito bem treinando e, dançando daquela maneira, aquilo foi despertando em mim um desejo forte de querer conhecer mais e aprender o que eu pudesse sobre a dança e toda sua história.

Na escola, nos intervalos, sempre me associava com algumas meninas para poder conversar sobre coreografias e até mesmo criar sequências, para que, quando tocasse uma música em que a coreografia se encaixasse, pudéssemos dançar em sincronia.

Imagem 16 - Turma do primeiro ano do Ensino Médio do colégio EXTERNATO SANTO ANTÔNIO MARIA ZACCARIA



Fonte: Acervo de William Cezar, 2011.

Nos meus dois últimos anos de ensino médio, tive um contato diferente com a dança, de uma maneira mais profissional. Em 2010, envolvi-me num dos principais

eventos da escola, a Feira cultural, que geralmente acontecia entre setembro e outubro. Nessa ocasião, as turmas eram instigadas a escolher e abordar suas temáticas, questões como tecnologia, política, sustentabilidade, diversidade cultural, entre outros.

A escola se transformava numa imensa sede de cultura, onde cada turma selecionava seu ambiente de trabalho, e lá desenvolvia tudo relacionado à sua temática. Recordo-me, apesar da ausência de registros, que, nesse ano, minha turma resolveu falar sobre a cultura da região nordeste e eu fiquei responsável pela parte “dançada”. Eu e uma colega de classe nos desafiamos a montar uma coreografia que contivesse xaxado, baião e forró.

Pesquisando sobre a cultura musical da região, descobri algo que me deixou boquiaberto, que sempre esteve presente na minha vida, mas que nunca pensei que o nordeste foi sua estufa: o brega, ritmo que contagia e que é o centro das festas paraenses teve suas raízes no nordeste do Brasil. No entanto, continuei minha pesquisa sobre forró e suas ramificações, onde iniciamos um laboratório corporal e fizemos a nossa apresentação.

Naquele tempo, a diretora do colégio fazia questão de ver todas as apresentações da feira e premiava a mais cativante com uma medalha. Infelizmente não conseguimos essa premiação, no entanto, fomos bastante elogiados pela diretora.

No ano de 2012, pensei ter me afastado da dança, pois era ano de vestibular para mim, então comecei a estudar, foi também quando entrei para a academia, onde comecei a me envolver com a ginástica aeróbica, mais precisamente, aulas de Jump, na academia Corpo & Cia⁷. Lá, minha rasa experiência em dança demonstrou ser muito útil, pois, para a modalidade, era importante ter coordenação motora e musicalidade, tendo em vista que os exercícios eram passados no ritmo da música. Logo, destaquei-me e despertei interesse da dona do estabelecimento, a professora Francineth Tomáz. Ela se propôs a me dar um treinamento particular, com aulas e dicas de como melhorar minha postura, meus movimentos e como animar as aulas, para substituí-la quando precisasse.

⁷ Academia de educação física, Localizada em São Miguel do Guamá – PA.

Foi assim que comecei minha trajetória profissional, sempre me treinando com muita paciência e disciplina, fui aprendendo os movimentos e exercícios, seus nomes e qual a função deles. Então surgiu outra proposta: ministrar aulas de Step. Com os step foi um pouco mais complicado, pois exigia muito mais coordenação motora do que o Jump. No entanto, não desisti e aprendi, assim como o jump, sua funcionalidade e técnicas. Eis que, então, o momento chave para minha vida acadêmica surgiu: aulas de ritmos.

Comecei a participar das aulas em agosto de 2012, ao mesmo tempo em que me preparava para o vestibular. Comecei com o treinamento do CD DANCE TO DANCE, de autoria do Professor Jhonathan Feio, em que selecionava músicas para aulas de dança aeróbica, com o intuito de perder peso.

Hoje em dia, temos métodos mais conhecidos, como FitDance, Zumba Fitness, entre outros. No entanto, na época foi um reconhecimento muito importante para minha formação quanto professor. Quando eu pensei que estivesse me afastando da dança, na verdade, estava me aproximando mais ainda.

Imagem 17 - Aulão ao ar livre da academia CORPO & CIA



Fonte: Acervo de William Cezar, 2012.

Então, em setembro do mesmo ano, comecei a pesquisar sobre quais curso queria, estava em dúvida entre as áreas da Saúde e Educação. Na saúde, pensei em psicologia e educação física e, na educação, pensei em história, pois, até então, não conhecia o curso de Licenciatura Plena em Dança.

Entre pesquisas, descobri o curso de Licenciatura Plena em Dança, na Universidade Federal do Pará e não pensei duas vezes, fiz minha inscrição.

2.3 SONHO BONITO: O começo de uma nova caminhada

Você é o sonho mais bonito que realizei

Com você não tenho estresses

Com você me sinto bem

Você me sacode,

Me implode,

Me faz reviver

Realiza os meus desejos

Faz meu coração sonhar...

(MORENO; NASCIMENTO, 2007)

Pesquisei sobre o campus, a Escola de Teatro e Dança, e fiquei maravilhado com tudo o que li a respeito, sobre os espetáculos, os cursos técnicos, a estrutura, tudo se apresentou para mim num momento surreal.

Na época, três provas deveriam ser feitas: o ENEM, a prova da UFPA e a Prova Prática. Esse desafio dividido em três etapas me encantou mais ainda, de certa forma, me seduziu a participar. Quando comuniquei aos meus pais sobre a minha decisão, eles me apoiaram e viram como um sonho a ser seguido. Esse apoio foi a chave de ouro que precisei para poder seguir em frente com meus objetivos.

Imagem 18 - Comemoração da aprovação no vestibular na orla da Beira-do-Rio em São Miguel do Guamá.



Fonte: Acervo de William Cezar, 2013

Felizmente, no começo do ano de 2013, no dia cinco de janeiro, a UFPA liberou o listão dos aprovados no processo seletivo. Nesse momento, eu participava de um evento da Igreja católica, conhecido como Encontro de Jovens com Cristo, o EJC. Naquele dia, estavam todos nervosos pois meus colegas estavam também à espera do resultado do vestibular e não poderia ser mais feliz para mim, como aluno, receber essa notícia da maneira que recebi.

Imagem 19 - Comemoração da Aprovação no vestibular na Avenia Pio XII em São Miguel do Guamá



Fonte: Acervo de William Cezar, 2013

Com muita emoção, recordo deste acontecimento ímpar na minha vida, em um momento de oração com meus colegas de classe, no auditório do Colégio, uma amiga minha veio, me abraçou e disse “parabéns, você foi aprovado no vestibular”. Nesse momento, lembro-me como se acabasse de passar por isso, eu me senti dormente.

Meu corpo parecia estar livre de um peso, eu me sentia leve e, naquele momento, passava um filme na minha cabeça, das lembranças que tive quando comecei a estudar no Externato e da hora que saí, dos momentos que pude recordar, das danças que dancei e que fiz outros dançarem, de descontrações e brincadeiras. Entre choros e risos, não consegui conter as lágrimas, foi a maior explosão de sentimentos que tive em minha vida.

À noite, quando saí do encontro e cheguei em casa, não me contive, entre o barulho dos ovos que estouravam na minha cabeça, o meu choro, o choro da minha mãe e o choro do meu pai me fizeram saber que aquela escolha que eu fiz não poderia estar mais certa. A partir deste momento, minha vida de universitário começou.

Quando decidi cursar Licenciatura em Dança, na UFPA, jamais imaginei que iria passar por situações, questionamentos, posições, encontros e desencontros, enfim, tudo aquilo que foi “talhado” em mim, no que diz respeito à dança, procurei refinar ao máximo através deste trabalho de conclusão de curso.

Vindo de São Miguel do Guamá, interior do Pará (localizado à aproximadamente 115 km da capital, Belém), nem mesmo eu tinha ideia do que poderia vir a ser o curso de Licenciatura Plena em Dança e como seriam as vivências com a turma de 2013, pois, infelizmente, as Ciências da Arte não possuem uma forte divulgação de suas áreas de estudo – esta é uma realidade que até o momento eu, como professor de arte, estarei lutando para reverter.

Até o momento em que ingressei na Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará (ETDUFPA), não possuía nenhuma vivência dita formal em dança (entende-se, no segmento da dança, por ambientes “formais” escolas e academias de Dança, espaços experimentais, salões de dança, entre outros. E por “informais” lugares como as ruas, ambientes abertos, entre outros), tendo em vista que todo meu conhecimento absorvido acerca desta área de estudo era obtido das experiências que vivi em escolas de ensino regular, conhecimento popular e vídeos da internet.

Logo após me estabelecer na capital, procurei espaços para além da Escola de Teatro e Dança, nos quais poderia desenvolver uma maior pesquisa deste meu lado artístico. Por acaso, encontrei logo no primeiro dia de aula, na semana do calouro, onde já experimentei três gêneros diferentes: danças urbanas, danças de salão e dança contemporânea.

Minha primeira experiência com as danças urbanas foi prestigiando uma apresentação na semana do calouro, especificamente da professora formada em dança pela UFPA, Angélica Monteiro⁸; logo, percebi que, a partir de então, a relação com a dança seria mais séria e comecei a buscar novas experiências dançantes.

⁸ Professora de Danças Urbanas na Companhia Mirai de Dança, formada em Licenciatura Plena em Dança pela UFPA.

Imagem 20 - Comemoração do dia internacional da dança realizada pela companhia Mirai de danças, no colégio Moderno



Fonte: Acervo de William Cezar, 2013

Angélica Monteiro era, na época, apenas professora de *Waacking*⁹ e *Hip-Hop*¹⁰ da Companhia *Mirai de Dança*¹¹, que sempre promoveu eventos para divulgar seus trabalhos e atrair público independente de experiência, foi neste momento que eu vi a oportunidade para pesquisar mais sobre este gênero.

Comecei a participar destes eventos sempre que surgia oportunidade. Logo, participei das aulas de *Dancehall*¹², *Street-Jazz*¹³, *Vogue*¹⁴, entre outras modalidades, cada vez acentuando mais essa relação dançante, descobrindo possibilidades infinitas de movimentações agregadas a meu corpo e as sensações prazerosas que esses momentos me proporcionavam.

Depois de percorrer este meio artístico, ainda na dança, resolvi buscar um complemento diferente, foi onde, através de colegas da faculdade, encontrei o Grupo de Dança do SESC¹⁵, em que se desenvolvia através da dança contemporânea.

⁹ Gênero de Dança Urbana que teve seu surgimento nas boates de Los Angeles.

¹⁰ Estilo de danças sociais ou coreografadas, relacionados à música e à cultura Hip-Hop, desenvolvida na década de 70 por latinos/afro-americanos.

¹¹ Companhia que pesquisa e trabalha com Danças Urbanas em Belém do Pará.

¹² Gênero de Dança e de Música popular na Jamaica.

¹³ Gênero de Dança Urbana que mistura “dança de rua” (street) e Jazz.

¹⁴ Gênero de dança, popularizado na década de 80, em clubes gays dos Estados Unidos. Ganhou mais popularidade quando foi apresentado na década de 90, em uma canção da cantora Madonna.

¹⁵ Sigla de: Serviço Social do Comércio.

Resolvi mergulhar neste imenso mar desconhecido e experimentar técnicas que em meu corpo se moldavam de maneira diferente, visto que acabara de sair de um turbilhão de sensações das Danças Urbanas e então tivera de caminhar com calma na trilha da Dança Contemporânea.

Aos cuidados da professora Suanne Baena¹⁶, que, na época (2014), era quem ministrava as aulas do grupo de dança, começou o processo de estudo contemporâneo a partir da dança de salão. Vale ressaltar que a ministrante parte de uma vivência com este gênero há mais de 18 anos e, a partir deste, trabalhava com a desconstrução de movimentos encontrados nas danças de salão (tais como Salsa, Samba de Gafieira, Zouk, etc.) para construir novas movimentações com técnicas em dança contemporânea.

Também é importante ressaltar que, ao passar por muitos laboratórios corporais, experimentações de técnicas, gêneros e aplicações práticas, foi-se gerando o espetáculo “Moderno movimento Amazônico”, do SESC, já nos cuidados do professor Jean Gama¹⁷, este vindo de trabalhos com o Ballet Clássico e Neoclássico.

Imagem 21 - Bastidores do espetáculo MODERNO MOVIMENTO AMAZÔNICO, realizado pelo SESC no teatro Estação Gasômetro.



Fonte: Acervo de William Cezar, 2014.

¹⁶ Professora de Dança de Salão, formada pela UFPA.

¹⁷ Professor de Dança formado pela UFPA, ex-bailarino da renomada Companhia de Dança Deborah Colker, durante 2004-2007.

Embora o espetáculo tivesse passado por uma vivência um pouco mais clássica em seus momentos finais, o histórico com a dança de salão me instigou a procurar mais dessa fonte, visto que grande parte da montagem do espetáculo foi neste segmento. Seguindo esta perspectiva, resolvi procurar a professora Suanne e solicitar um monitoramento em aulas que eram ministradas por ela e seu companheiro, Osmarino Alves, em academias. Ela doou-me uma bolsa na academia *BodyTech*¹⁸, em Belém, e me permitiu participar das aulas de Dança de salão.

Já nessa nova sessão, pesquisei diversos gêneros, *Zouk*, *Salsa*, *Bolero*, *Samba de Gafieira* e *Samba Funkeado*, *Bachata*, *Forró*, e um, em especial, que eu já conhecia desde pequeno: o *Brega*. Foi a partir de então que comecei a desenvolver e estudar esta prática, da qual eu já tinha conhecimento, ainda que pouco, mas que já era suficiente para buscar evoluir ainda mais.

Foi então que, depois de muito frequentar espaços como o *Vadião*¹⁹, casas de shows como *Mormaço Bar&Arte*²⁰, *Insano Marina Club*²¹, *Gold Mar Hotel*²², *Açaí Biruta*²³, entre outros, e dançar com inúmeras pessoas, despertou em mim o interesse em falar da minha verdadeira paixão: O *Brega*.

Nada que os grandes filósofos escreveram sobre o sujeito torna-se obsoleto, mas é por isso, graças a eles, que nós temos outros problemas para descobrir, problemas que nos salvam de um 'retorno' que somente mostraria a incapacidade de segui-los. (DUQUE-ESTRADA, 2009, p.40)

¹⁸ Rede multinacional de Academias

¹⁹ Espaço utilizado por universitários para promover festas na Universidade Federal do Pará

²⁰ Bar e casa de shows, localizado no bairro Cidade Velha, em Belém.

²¹ Também conhecido como "O Fuxico Insano", casa de shows localizada no bairro Cidade Velha, em Belém.

²² Hotel com espaço para shows e eventos, localizado às margens da baía do Guajará, no bairro Telégrafo, em Belém.

²³ Espaço destinado a shows e eventos, localizado no bairro Cidade Velha, em Belém.

Imagem 22 - Auto do Círio de 2014.



Fonte: Acervo de William Cezar, 2014

Imagem 23 - GoldMar Hotel em 2014



Fonte: Acervo de William Cezar, 2014

3. O SOM DOS SONS: Música, Dança e Estilo.

*O som
 Dos sons
 Do meu amor
 Vai tocar
 Depois que eu te abraçar
 E você vai me amar
 A mim se entregar
 E vai querer voltar
 Pro calor dos braços meus
 E eu vou... Rubi eu sou*

(PAIVA [ca. 2008])

Podemos considerar que, ao falarmos do “brega” na perspectiva paraense, estamos lidando não apenas com um gênero de música – trata-se de uma atmosfera cultural, desta maneira, envolvendo, para além do fenômeno musical, a dança e o estilo. Dessa forma, quando se trata do “brega paraense”, o conceito vem recheado de inúmeros (des)entendimentos e quase sempre repleto de preconceito, que se voltam para a marginalização do gênero e de tudo que o envolve. Porém, do que realmente se trata essa “atmosfera cultural” que é vinculada ao brega paraense?

Podemos dizer que “estilo” lida com pequenas diferenças. Mas quão pequenas, e quem decide? Podemos também dizer que estilo tem a ver com estética, outro termo bastante escorregadio. Estas são palavras que nós usamos diariamente, mas nós não temos um entendimento comum do que elas significam. (KAEPLER, 2001).

Dito isso, o fenômeno cultural “brega” deixa de ser apenas relacionado a um substantivo, mas também se torna um adjetivo, popularizado principalmente pela indústria musical dos anos 70, com sinônimo de “cafona”, “fora de moda”, de “mau gosto” ou “inferior”, do ponto de vista de quem julga.

Não é preciso ser um grande observador para perceber o quão repletas de cores, estampas e bordados são as periferias. Pode se dizer, de um ponto de vista poético, que a maneira com que os moradores se vestem no cotidiano é o reflexo de como de como enfrentam as suas vidas – cheias de contraste e de momentos intensos, em contrapartida com ternuras. A comunicação também está longe de ser despercebida – os cumprimentos, abraços e o estado de corpo, que, de maneira

inconsciente, acaba se refletindo a reciprocidade pertinente nesse gestual, nesta leitura de movimentos e (por que não?) nesta “dança”.

De maneira ou outra, o “brega” se espalha neste meio, seja através de anúncios de promoções em lojas de roupas, no mercadinho da esquina, no hortifrúti da feira, seja anunciando promoções e preços exclusivos de cada ponto comercial ou, até mesmo, no rádio que toca na taberna²⁴ que tenta resistir à crise econômica e ao desemprego, procurando meios de sustento para além do que as empresas contratantes exigem. Também no celular dos jovens que passam, tocando o mais novo *hit* de sucesso de aparelhagens populares na região, tais como Crocodilo, Super POP, Búfalo do Marajó ou, até mesmo, uma programação da rádio tocando – os popularmente conhecidos – bregas marcantes, que possuem esse nome por ser considerado um hit de grande sucesso e que permanece por décadas.

É importante ressaltar que, como morador, não estou limitando a dizer que os demais moradores dessas áreas são restritos apenas a esse nicho cultural, porém, quero propositalmente aplicar este exemplo para destacar a popularidade do gênero nesta região. Aos finais de semana é comum aparecer a vizinhança se reunir para tomar uma cerveja, vinho ou cachaça, seja fazendo um churrasco ou simplesmente no bar da esquina. Em ocasiões especiais, as comidas típicas roubam a cena, sendo regionais, como o caso do pato no tucupi ou a Maniçoba, ou não regionais, como vatapá, feijoada, entre outros.

Apesar dessa maneira “Brega” se fazer presente em muitas faces, ora música, na vestimenta, no estilo, na dança e no vocabulário, contrariando a ideia de muitos, esse todo cultural não tem suas raízes na região norte do Brasil.

Por este motivo, minha pesquisa necessitou de uma trilha para chegar a uma resposta para a seguinte pergunta: Como uma cultura tão “nossa”, como o brega paraense, chegou a se tornar “nosso”, mesmo “não sendo” nosso? Pode parecer ousadia formular uma pergunta tão delicada com estas palavras, contudo, claramente consegui chegar a uma resposta plausível para essa questão.

²⁴ Estabelecimento onde se vendem bebidas alcóolicas e produtos a retalho.

4. A ODISSÉIA DO SOM: Uma viagem na onda do Brega

*Viajei no seu olhar
No seu corpo sedutor
No teu jeito de falar
Fez eu me apaixonar*

*E ao som do musistar
A noite fica tão linda
Vou dançar só pra você
No meu corpo se perder*

*Na Odisseia do som
Eu vou dançar com você
E o musistar que é um Show*

(PAIVA, [ca. 2005])

No sentido de compreender historicamente o surgimento e a afirmação sobre brega, considera-se que tenha ocorrido, poeticamente, uma odisséia do som, isto é, para alcançar este resultado, estudo as hipóteses apresentadas, ou seja, a epistemologia.

Essa expressão é mais uma noção teórica “mole” do que um conceito “rígido” (MAFFESOLI, 1985, p. 51, 52 et seq. 63), considerando-se que, no âmbito geral da cultura, assim como no campo mais específico da estética, pode-se sempre buscar compreender um fenômeno contemporâneo a partir do esforço de identificação de sua utilização dessa expressão – matrizes estéticas, sempre no plural, possui, do ponto de vista retórico uma consciente proposição paradoxal, posto que a palavra matriz remete à ideia de mãe, que também remete à ideia de unicidade, quando pensada como uma única pessoa, do gênero feminino, que alimenta em seu próprio corpo e assim é explicitamente geradora de outra, enquanto a palavra matrizes multiplica esse ente, ainda que se referindo a um mesmo fenômeno – seu descendente direto. O que se pretende, ao recorre-se a essa figura paradoxal de linguagem, é chamar a atenção para o fato de que na cultura cada fenômeno possui simultaneamente múltiplas matrizes, fruto que é de diversos processos de transculturação. A isso, chamei de “família de formas culturais aparentadas [...], identificadas por suas características sensoriais e artísticas, portanto estéticas, tanto num sentido amplo, de sensibilidade, quanto num sentido estrito, de criação e compreensão do belo”. Assim, podemos falar por exemplo, de matrizes estéticas a partir de referências linguísticas, religiosas, geográficas, históricas, geo-históricas, étincas, técnicas, temáticas, teóricas, tecnológicas, etc...”. (BIÃO, 2000, p. 15)

Para alcançar uma resposta de maneira mais precisa, decidi localizar as matrizes estéticas do Brega, que começam a sua delineação muito antes de pisar no

solo brasileiro – ao que tudo indica, no final da década de 1940, na América do Norte, mais precisamente nos Estados Unidos, com um ritmo musical de cunho afro-americano, o *Rhythm and Blues*, ou apenas *R&B*²⁵.

O gênero ganhou fama nos USA, e não demorou muito para que novas ramificações começassem a surgir – ao *rhythm* foram agregadas algumas influências musicais épicas, tais como o *Country*²⁶ e o *Gospel*²⁷. Dessa forma, surge no final da década de 1940 um dos movimentos culturais mais populares da história, o *Rock'n'Roll*²⁸.

Entretanto, neste mesmo período, outro grande acontecimento começa a tomar espaço no cenário brasileiro. Surgiu no México, porém, se expandiu por todo território da América Central, e, conseqüentemente, conquistou reconhecimento internacional. O nome prestigiado foi o de Pedro Vargas (San Miguel de Allende, 29 de abril de 1906 – Cidade do México, 30 de outubro de 1989), um cantor e ator mexicano, que se tornou mundialmente famoso por difundir a música popular mexicana e fazer parte da era de ouro do cinema mexicano e que, até hoje, é considerado o maior cantor mexicano de todos os tempos. Vargas conseguiu difundir (com louvor) pelos quatro cantos do mundo um gênero até então pouco conhecido, o bolero mexicano. No Brasil, o gênero foi se estabelecendo pela região norte, devido sua proximidade com a América Central.

Anos mais tarde, na década de 50, o Bolero Mexicano torna-se um dos gêneros mais escutados nas rádios brasileiras (assim como o *Rock*, sendo, ironicamente, duas extremidades completamente diferentes), juntamente com o bolero cubano, que, diferente do gênero mexicano, possui um ritmo mais sensual e com melodias mais dançantes. Entretanto, os mesmos compartilham da ideologia romântica aplicada às suas letras musicais.

Sendo assim, dois grandes movimentos repletos de características determinantes se popularizam pelo país. O Bolero chega pelo norte; o Rock, pelo nordeste e sudeste. O Bolero mantém grande parte da sua estrutura original – isto é,

²⁵ R&B: Termo abreviado de “*Rhythm and Blues*”, estilo baseado no *Jazz* assim como influências *gospel*, porém com uma batida diferenciada, que se popularizou rapidamente.

²⁶ *Country* foi o nome dado à uma ramificação do gênero musical *Folk*, este que por sua vez, significa “música folclórica”, daí a abreviatura “folk”.

²⁷ Gênero musical composto para expressão cristã, individual ou comunitária. O termo vem do inglês “*God-Spell*”, que em português significa “boas novas”.

²⁸ Abreviatura de Rock And Roll, estilo musical surgido nos Estados Unidos, no final da década de 40 e início da década de 50.

letras, melodias e a assinatura própria do artista. Já o Rock, passa por um processo de “brasilidade”, tendo sua letra, além de traduzida para o português, levemente alterada e com a assinatura de artistas nacionais.

A partir de então, nomes famosos como os de Elvis Presley²⁹, Jerry Lee Lewis³⁰ e The Beatles³¹ influenciaram e impulsionaram artistas a seguirem carreiras nos palcos. Neste período, com a veiculação do *Rock*, a indústria fonográfica solicitara uma demanda maior de pessoas e bandas, abrindo portas para os artistas nacionais se destacarem.

No Brasil, o rock chega no final da década de 1950, através da artista Iracema de Sousa Ferreira, conhecida no cenário nacional pelo nome artístico de Nora Ney – embora tivesse uma afinidade maior com samba-canção³² – que, em meados de outubro de 1955, tornou-se uma diva da rádio, interpretando a canção *Rock Around The Clock*, que, em sua versão mais conhecida, foi gravada pela banda *Bill Haley & His Comets*³³.

Trilhando este caminho, vozes icônicas começaram a conquistar o país, tais como Tim Maia, Roberto Carlos, Arlênio Lívio, e Wellington Oliveira, que juntos formaram, na cidade do Rio de Janeiro, o grupo *The Sputnicks*, em 1957, que foi desfeito em 1959 por motivos de brigas e interesses pessoais. Com a saída de Roberto Carlos e Tim Maia e a desistência de Wellington Oliveira, Arlênio resolveu chamar Erasmo Carlos, Edson Trindade e José Roberto (conhecido como “China”), e a banda passou então a chamar-se *The Snakes*.

Com este destaque e a influência positiva que o gênero consagrou em um âmbito nacional, não demorou muito para que, aos poucos, outros talentos fossem aderindo à tendência. Bandas como Barão Vermelho³⁴, Os Paralamas do Sucesso³⁵, e artistas como Raul Seixas³⁶, Rita Lee³⁷ e Cazuza são exemplos nítidos do sucesso que foi a chegada do Rock ao Brasil.

²⁹ Nome artístico de Elvis Aaron Presley, famoso músico e ator norte-americano, conhecido mundialmente como o Rei do Rock.

³⁰ Famoso cantor, compositor e pianista norte-americano de rock and roll.

³¹ Banda de Rock Britânica.

³² Subgênero musical originário do samba, surgiu no final da década de 1920

³³ Banda de Rock'n'Roll natural de Chester, Pensilvânia, USA.

³⁴ Banda de Rock Brasileiro, fundada em 1981 na cidade do Rio de Janeiro.

³⁵ Banda de Rock brasileira, formada na cidade de Seropédica, no Rio de Janeiro, em 1983.

³⁶ Cantor e compositor brasileiro, considerado um dos pioneiros do rock nacional.

Entre idas e vindas, neste mesmo período, o Bolero começa a se massificar e ganhar assinaturas de aristas nacionais, como Cauby Peixoto, Orlando Dias e Carlos Alberto. Sua letra, considerada exacerbadamente romântica, começa a fermentar processos que acabam desencadeando outro “novo” gênero dançante, que se populariza nas camadas menos favorecidas do Brasil. Para este período, a novidade eram as Serestas.

Ainda com a forte influência do gênero de Vargas, os seresteiros – nome dado aos cantores de Seresta – mantiveram as letras românticas que caracterizaram seu ídolo e adicionaram à melodia elementos regionais, com forte influência principalmente nas classes populares Brasileiras. Deste gênero, surge o grupo Violão de ouro³⁸. Eis que então o Bolero e a Seresta começam a tomar partida no cenário e se consolidar nos palcos do Brasil.

Com toda esta agitação, na década de 70, críticos viriam a estipular os gêneros que tivessem como características “letras apelativas e de baixo valor artístico”, de Brega. A partir daí, canções com apelo emocional forte, com uma melodia marcante e, de certa forma, inconfundível e contagiante, viriam a se alocar em uma nova categoria popular: o brega.

Não obstante, o brega paraense que conhecemos vai para além desse conceito. Uma mistura de batidas e arranjos que segue um antigo costume de bailes na capital foi bem adaptada ao brega. Talvez esse seja seu maior segredo para a resistência: enquanto tantos outros ritmos acabaram caindo (como a MPB), o brega tem crescido cada vez mais, reinventando-se e dando vida a novas gerações, sem se desvincular da sua característica principal: a “breguice”.

³⁷ Rita Lee Jones, cantora, atriz, multi-instrumentalista, compositora, escritora e ativista brasileira.

³⁸ Grupo musical “seresteiro”, que fez bastante sucesso no cenário da música popular.

5. CAVALO MANCO: O brega como “A nossa dança do Estado do Pará”.

*Não para não, vem cá me dá a tua mão
Quero que sintas toda essa emoção
Cavalo manco agora eu vou te ensinar
Isso e muito mais você só vai encontrar no Pará.*

(MENDES; FARIAS, [ca. 2005])

A adaptação do brega paraense remete à década de 50, onde Zouk, Merengue e Bolero eram tocados nos bailes e bordéis de Belém. Aos poucos, o brega foi sendo introduzido e agregado às batidas envolventes e à sensualidade dos outros gêneros. Assim, o “Brega-Pará” foi se popularizando e, cada vez mais, conquistando espaço na capital.

Carlos Alberto de Aguiar, em seu artigo *A Origem do Brega e do Calypso*, comenta ao final sobre o “Bregalypto”, uma das ramificações que consolidou o ritmo no estado. Segundo Aguiar

“O brega calypso em Belém do Pará é a identificação da levada produzida pelo músico paraense. Possui a sua característica própria. O músico paraense Manoel Cordeiro define como ritmo paraense originário do calypso identificado com a dança, também chamada de brega, mas de origem totalmente paraense, cantada, tocada e dançada com toda a alegria e a originalidade do paraense: Particularmente, eu definiria o nosso ‘bregalypto’ como o ritmo da Amazônia caribenha pai d’égua demais.”

A crítica da época passou a rotular o brega como pejorativo, mas, musical, o que tornava, na verdade, cada vez mais impreciso estabelecer uma definição clara sobre o que seria o brega, pois o que se tocava e ouvia em Belém do Pará era totalmente diferente dos bregas ouvidos em outros lugares. Será que esta música que ouvimos é realmente o brega?

Sobre isto, diz Aguiar:

A origem do termo brega como definição de ritmo dançante não é paraense. A terminologia da palavra é um tanto quanto contraditória. Ora é originária em Pernambuco, ora na Bahia. O termo passou a ser usado a partir da década de 60 para separar os cantores populares dos cantores que tinham apoio da mídia. Os cantores populares eram quem sustentavam as grandes gravadoras. Cantar brega era classificado como uma coisa menor, muito embora os artistas desse gênero sempre foram cantores populares. O povo cantava as suas músicas, apesar de não cantarem com o apoio da mídia, que só se preocupava com os *chics*. Já houve quem disse que o ritmo praticado em Belém não é propriamente o brega. Os músicos paraenses esqueceram de criar um nome para significar o nosso ritmo. É verdade que nosso ritmo brega é muito mais dançante, fugindo do tradicional brega puro, que é aquele brega de raiz das dores de corno. Na verdade, o termo brega

passou a ser usado como um rótulo pela crítica para classificar os cantores de música romântica dançante. Ou seja, as músicas dançantes, as que permitiam dançar agarrado passaram a ser chamadas de brega. Uma coisa é certa: o nosso brega é um ritmo da nossa Amazônia caribenha e é bem marajoara sim. (O Liberal, 06 de março 2000 – “A voz do leitor”)

O fato é que a própria indústria fonográfica, sustentada pelo “povo brega”, mas que enaltecia a “elite *chic*” foi a responsável pela marginalização e negatividade associada ao termo brega. Apesar de estar constantemente atingindo uma grande massa populacional, o brega ainda está longe de possuir uma definição conceituada, e mais longe ainda de vestir a roupa de “brega” que a crítica da época rotulou.

Conquanto, uma de suas características mais fortes é a adaptação ao público, predicativo este que os empresários e artistas investem fortemente. A cada dia que passa, o gênero ganha uma nova roupagem, ampliando o seu repertório, assumindo uma nova forma e uma farda que está alavancando espaço no cenário artístico. Apesar de não ser um gênero regional, mas nacional, o que procuro destacar especificamente neste momento remete aos fenômenos bregueiros que ocorrem na região norte, no Estado do Pará, especificamente na cidade de Belém.

Na capital, o gênero já é sucesso tanto nas periferias quanto nos bairros mais nobres e, nas academias de dança de salão, as aulas de brega são as mais requisitadas pelo público, sem distinção de etnia ou classes sociais. O gênero passou a ser uma manifestação cultural que vem das ruas periféricas, tomou conta da cidade e gera renda para a população adepta.

Os “bregaços” – assim são chamadas aquelas que são umas das mais populares festas da capital – ostentam claramente o sucesso e o poder que a manifestação cultural possui, demonstrando o cenário especial no qual o gênero é reproduzido. Congruente a esta ideia, ainda com a importância do empreendedorismo musical na definição de brega, o que singulariza o brega-paraense, além da sua melodia, é principalmente a forma de dançar.

Neste sentido, a manifestação do brega enquanto gênero dançante proporciona aos dançarinos um vasto laboratório de criação e interpretação entre toda a cena envolvida. O público entra em harmonia com os comandos dos Dj’s, assim como com os cantores, viabilizando um cenário de manifestação espetacular.

Portanto, o brega paraense possui uma espetacularidade única: não precisa de uma técnica específica. É desta maneira que o bregaço, sem sombra de dúvidas,

proporciona ao público um ambiente agradável, sociável, prazeroso e bastante atrativo. O Brega não separa o pobre do rico, o “preto” do “branco”, ou “chic” do “cafona”, em sua esfera espetacular ele abraça a todos os corpos de maneira igual, mesmo o melhor dançarino da noite, em um dado momento irá se igualar aquele que pela primeira vez está tendo um contato direto com a levada paraense.

Apesar de possuir um ritmo que leva a “galera” no embalo do som, no bregaço ninguém precisa saber dançar. A festa possibilita aos frequentadores um espaço livre de sistematizações e regras vinculadas às técnicas, ao mesmo tempo que também disponibiliza uma ampla zona de experimentações corporais, na qual os parceiros não precisam ensaiar para atingir uma harmonia de movimentos.

Desta maneira, posso afirmar: o Brega, na contemporaneidade, deixou de ser sinônimo de mau gosto ou nicho em que o conteúdo divide a elite das classes de menor poder de aquisição. No momento, ele está sendo muito bem aceito pela sociedade, com louvor e referência no estado, tornando-se renda, cultura e lazer.

Chegando ao final desta pesquisa, percebi que aquilo que foi rotulado como “brega” não passou de uma tentativa sem sucesso de tirar das mãos do povo o inevitável: a popularidade. A periferia é uma imensa estufa de grandes talentos e, com o conhecimento popular, passado através da experiência de vida, pude perceber a importância da favela no desenvolvimento de uma sociedade saudável.

Através desta pesquisa, percebi o incalculável valor cultural do brega em toda a região norte e me sinto prestigiado em trazer para a academia algo tão valioso: falar da cultura popular e a trajetória de si, não de maneira leviana, mas como somatória material, política e documentária no contexto histórico do povo.

O brega deixou de ser “brega” há muito tempo, agora seu sinônimo é outro valor imaterial do Estado do Pará. Viajando nas ondas sonoras, na levada da batida e cantando a minha vida inteira percebi o quanto é importante valorizar as pequenas coisas.

Foi ao som de Nelsinho Rodrigues, Joelma Mendes, Banda AR15, Banda Batidão, Banda TecnoShow, Banda Fruto Sensual, Banda 007, Alberto Moreno, Amado Batista, Reginaldo Rossi, Roberto Carlos, Roberta Miranda, Rutietthy, Viviane Batidão e nos comandos das aparelhagens do Super POP, Tupinambá, Brasilândia e, até mesmo, o Vetron que pude chegar onde cheguei.

De maneira indireta esses nomes moldaram minha personalidade artística e fizeram me reconhecer como artista paraense, permitindo que me profissionalizasse na área artística. A consideração que me permito fazer ao final deste episódio da minha jornada, não poderia ser outra: o Pará é o Estado “brega” mais “chique” que eu conheço. Terminei meu TCC com a canção “Batuque da Amazônia”, da Banda TecnoShow, essa música me representa e remete a grande parte do que sou. Viva o Brega!

*Eu sou o batuque, batida da Amazônia
 Sou os versos de Waldemar Henrique
 Sou a fé, eu sou a corda do Círio
 Eu sou tecnobrega, eu sou calypso.
 Sou o brilho do manto da Nazinha
 Eu sou o Ver-o-peso, eu sou mandinga
 Eu sou o açaí com farinha e sem açúcar
 Sou o carimbó de Cupijó e Pinduca
 Eu sou swing da guitarrada
 Mestre Vieira, Alduceno e Cuíca
 Sou o som que bate forte
 Sou eu que faço a terra tremer
 Sou o furacão do pop
 Sou a brisa da preamar
 Curupira e Caipora Pororoca, índio singular.
 Sou a música do norte
 Eu sou a estrela do Pará
 Sou a chuva que cai à tarde
 Sou o sol nascendo pra brilhar
 Sou Belém do Pará!
 Eu sou a garra e o rugido do Leão
 Sou o terror do bicho papão
 Sou a luta e o suor da Cabanagem
 Sou poesia, sou arte, eu sou aparelhagem.
 Sou a fé, eu sou a corda do Círio
 Eu sou tecnobrega, eu sou calypso
 Eu sou o açaí com farinha e sem açúcar
 Sou o carimbó de Verequete e Pinduca
 Eu sou swing da guitarrada...
 Sou Belém do Pará!*

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, C. A. **A Origem do Brega e do Calypso**. Brega POP. Disponível em: <https://www.bregapop.com/historia/320-carlos-alberto-de-aguiar/51-a-origem-do-brega-e-do-calypso-carlos-alberto-de-aguiar>. Acesso em: 09 janeiro 2019
- AGUIAR, C. A. **Glossário Bregueiro**. Brega Pop. Disponível em: <https://www.bregapop.com/servicos/historia/314-glossario/34-glossario-bregueiro-carlos-alberto-aguiar-manoel-cordeiro-e-tonny-brasil>. Acesso em: 09 janeiro 2019.
- BIÃO, A. J. **Etnocenologia e cena baiana**: Textos reunidos. Salvador - BA: P & A Gráfica e Editora, 2009..
- DANÇANDO Calypso. Intérprete: Banda Calypso. In: MENDES, Joelma da Silva; FARIAS, Cleidivan. Dançando Calypso. [S. l.]: Calypso Produções, [ca. 2005].
- DUQUE-ESTRADA, E. M. **Devires autobiográficos**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2009..
- ESTÁ no ar. Intérprete: Banda Fruto Sensual. In: PAIVA, Valéria. Está no ar. [S. l.]: [S. l.], [ca. 2008]
- GERERÊ. Intérprete: Nelsinho Rodrigues. In: RODRIGUES, Nelsinho. Gererê. [S. l.]: [S. l.], [19-?].
- KAEPLER, A. L. **Dance and the concept of style**. Yearbook for Traditional Music. Vol. 33. Los Angeles, CA: ICTM/UNESCO, 2001. pp. 49-63.
- MUSISTAR. Intérprete: Banda Fruto Sensual. In: PAIVA, Valeria. Musistar. [S. l.]: Sem informação, [ca. 2005].
- RUBI o som dos sons. Intérprete: Banda Fruto Sensual. In: PAIVA, Valeria. Rubi o som dos sons. [S. l.]: Sem informação, [ca. 2008].
- SONHO bonito. Intérprete: Banda Calypso. In: MORENO, Edilson; NASCIMENTO, Luís. Sonho bonito. Brasil: Calypso Produções, 2007.
- VETRON. Intérprete: Banda Fruto Sensual. In: PAIVA, Valéria. Vetron. [S. l.]: [S. l.], [ca. 2008].